



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

ME EMPODERA TE EMPODERAR

ANA CLARA BICALHO TOLEDO

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

ME EMPODERA TE EMPODERAR

Projeto Prático submetido à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

ANA CLARA BICALHO TOLEDO

Orientadora: Profa. Cristiane Costa

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Me Empodera te Empoderar**, elaborada por Ana Clara Bicalho Toledo.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Cristiane Costa
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Mônica Machado
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Profa. Maria Helena Junqueira
Departamento de Comunicação -. UFRJ

RIO DE JANEIRO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

TOLEDO, Ana Clara Bicalho.

Me Empodera te Empoderar Rio de Janeiro, 2017.

Projeto Prático (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo)
– Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de
Comunicação – ECO.

Orientadora: Cristiane Costa

TOLEDO, Ana Clara Bicalho. **Me Empodera te Empoderar**. Orientadora: Cristiane Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este projeto prático consiste em um mini documentário (16 min) sobre empoderamento feminino, com foco no conceito da sororidade, ou seja, da união das mulheres em busca de força e parceria na luta feminista. O foco foi escolhido em função de um processo de pesquisa feito a partir das próprias entrevistas concedidas para o vídeo. Analisando-as, ficou clara a relevância dessa união das mulheres nos dias de hoje. A fim de executar o projeto, foi feita uma análise teórica da quarta onda feminista – na qual nos encontramos hoje -, procurando entender o contexto no qual o movimento se insere atualmente, e uma análise do conceito de empoderamento, desde sua inclusão no universo feminista até sua colocação hoje.

Dedico esse projeto a todas as mulheres da minha vida: vocês são maravilhosas e me dão todos os dias a força que eu preciso para continuar lutando pela gente.

Dedico em especial às minhas sobrinhas: estou me esforçando muito para criar um mundo um pouquinho melhor para vocês, tá?

A minha mãe, por ser a maior inspiração, força e base que a vida me deu.

A minha família, por todas as oportunidades.

A minha outra família, por tornar os intervalos desse processo tão mais leves e prazerosos.

Ao Erik, por toda a parceria e força para eu me realizar nesse sonho.

A todas as mulheres que participaram desse projeto, por serem tão maravilhosamente excepcionais.

A Cris Costa, pelo carinho e mentoria.

Aos meus parceiros de faculdade, pela compreensão e parceria infinitas (consegui!).

SUMÁRIO

- 1) INTRODUÇÃO
- 2) O FEMINISMO NA HISTÓRIA
 - 2.1) As primeiras ondas
 - 2.2) A quarta onda
- 3) O FEMINISMO NO MUNDO ONLINE
 - 3.1) Manifestações virtuais: o caso da campanha #primeiroassedio
 - 3.1) Iniciativas feministas brasileiras com atuação online
- 4) EMPODERAMENTO
 - 4.1) O surgimento do empoderamento no movimento feminista
 - 4.2) O empoderamento hoje
 - 4.3) Empoderamento e sororidade
 - 4.4) Sororidade: um novo momento de feminismo?
- 5) O PROJETO PRÁTICO
- 6) CONSIDERAÇÕES FINAIS
- 7) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

O feminismo é um tema em ascensão. Em pauta desde o século XIX, ele teve ao longo de sua história diversos pontos de destaque e, hoje, tem sua relevância e seus campos multiplicados exponencialmente. Defende-se que esse crescimento deve-se, em grande parte, à nova era digital: a internet serviu de ferramenta para sua expansão. Mais do que um espaço de organização, ela tornou-se uma biblioteca de conhecimentos e abriu novas possibilidades de espaços discursivos.

Dentre os campos feministas discutidos, uma temática predominante é o empoderamento da mulher, que ganha força nos ambientes online. Se na década de 1990 o empoderamento destacou-se sob uma ótica neoliberalista e meritocrática, hoje ele vem sendo democratizado e descentralizado na internet. É foco de artigos, vídeos, campanhas publicitárias e até mesmo discursos políticos.

A presente análise teórica se propõe a discutir a história do feminismo, com destaque para o período que informalmente vem sendo chamado de quarta onda, e entender o empoderamento nesse novo contexto. Tais objetivos foram traçados como forma de estudo para a execução de um trabalho audiovisual em torno da temática do empoderamento

O vídeo foi criado com a intenção de tornar-se uma ferramenta de empoderamento: cada entrevistada, ao compartilhar sua vivência enquanto mulher - relativa tanto a dores quanto a conquistas -, pode empoderar as espectadoras. O foco narrativo foi construído junto às entrevistas, que serviram de processo investigativo para entender o que era mais relevante e latente para essas mulheres. Ao final do processo, a intercessão de falas ficou clara: todas se encontravam no que hoje conhecemos como sororidade.

Ao serem questionadas sobre o que mais as empodera como mulher, a maioria das entrevistadas - independente dos lugares onde sentiam-se oprimidas e de suas histórias particulares - responderam que o que mais lhes empodera são as outras mulheres. Assim, foi revelado um sentimento de tribo, comunidade e empatia único do universo feminino, e forte o suficiente para sustentar a luta em muitos contextos.

Dessa forma, tanto o vídeo - divulgado online como ferramenta de empoderamento - quanto a análise teórica contextualizam o feminismo no seu novo momento e discorrem sobre o fortalecimento desse sentimento de igualdade entre as mulheres. Este projeto

procura, por um lado, analisar o fenômeno e dar luz sobre ele - considerando a falta de publicações atuais sobre o tema -, e por outro servir de ferramenta prática de empoderamento.

2. O FEMINISMO NA HISTÓRIA

Como seres sociais, vivemos todos sob um sistema de regras de comportamento e valores. Se muitas vezes parece natural, esse sistema, na verdade, é construído, fortalecido e mantido por diversas instituições sociais. Vivemos no sistema do Patriarcado, que coloca os homens em papéis de liderança, autoridade moral e privilégio social, como afirma o relatório da ONU *Precisamos falar com homens? Uma jornada pela igualdade de gênero* (2016).

Uma rede de acontecimentos e escolhas estabeleceu como verdade o entendimento de que existe uma hierarquia de gênero que coloca o masculino como superior ao feminino. “Aprendemos a conviver com ele, naturalizando-o, e dificilmente questionamos suas expressões” (ONU, 2016, p.11), sejam elas no cotidiano, nas ruas, no trabalho, na mídia, em casa, na publicidade ou em qualquer outra esfera.

Historicamente o feminismo nasceu como movimento no século XIX para lutar por direitos iguais entre homens e mulheres. Ao longo da história, suas bandeiras de luta foram ressignificadas em paralelo a fluxos históricos, sociais e culturais, “marcadamente observados nos processos de construção das reivindicações, anseios e das demandas emergentes de si mesma e das mulheres” (MESQUITA; ARAS, 2012, p. 325).

Alguns teóricos agrupam essas ressignificações em ondas dentro do movimento, que nos ajudarão a contextualizá-lo até o momento presente. Cabe ressaltar que outros teóricos preferem dividi-las em campos, como direitos trabalhistas, violência sexual, direito das mulheres negras, maternidade e muitos outros, defendendo que a visão de ondas reproduz hierarquias internas do movimento, colocando como protagonistas das ondas os atores com maiores recursos.

2.1 As primeiras ondas

A primeira onda feminista nasceu no século XIX para colocar em pauta a igualdade contratual e proprietária entre homens e mulheres, a vida pública e, um pouco mais adiante, o direito ao voto. No Brasil, ainda dentro da primeira onda, surgiu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1922, lutando pelo sufrágio e pelo direito ao trabalho sem a autorização do marido (LARA; RANGEL; MOURA 2016). Nos Estados Unidos,

transbordando também pelo século XX, a onda culminou com o movimento sufragista, que garantiu o voto das mulheres em 1920.

A segunda onda nasceu nos anos 60 - momento em que o movimento de contracultura questionava a ordem e a moral tradicionais - e perdurou até a década de 1980, com início mais significativo no Brasil na década de 1970. Contemporânea do movimento hippie, do movimento negro e da criação da pílula anticoncepcional (LARA; RANGEL; MOURA, 2016), ela combatia a desigualdade e o preconceito nas mais diversas esferas, do lar ao trabalho, passando pela escola, pela política e pela cultura. Uma de suas maiores preocupações estava em desnaturalizar o papel feminino na cultura, como slogan “O pessoal é político”. Em meio à ditadura brasileira, além de reivindicar a valorização do trabalho da mulher e o direito ao prazer e lutar contra a violência sexual, a segunda onda foi marcada pelo combate à ditadura militar (LARA; RANGEL; MOURA, 2016).

A terceira onda, na década de 1990, coloca em questão muitos dos paradigmas criados nas ondas anteriores. O discurso feminista, em função do seu caráter universal, acabava, muitas vezes, por excluir grande parte das mulheres. Isso porque o machismo, nas suas mais diversas formas, atinge cada grupo de maneira distinta. Ganha espaço a percepção de que a discussão de gênero precisava ser acompanhada de discussões sobre raça e classe. “Trabalhar sem a autorização do marido, por exemplo, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras/pobres, da mesma maneira que a universalização da categoria mulheres tendo em vista a representação política teve como base a mulher branca, de classe média” (LARA; RANGEL; MOURA, p. 10, 2016).

Cabe ressaltar mais uma vez que as ondas tais quais descritas acima se constroem sempre através da seleção de falas e momentos. Lacunas como da terceira onda já haviam sido colocadas em pauta. Mulheres negras, por exemplo, já na década de 1960 refutavam a categoria única criada pelo feminismo.

2.2 A quarta onda

A história ocidental invisibilizou as mulheres, colocando-as como agentes de pouca expressividade (MESQUITA, 2012), e lógicas excludentes as colocaram em lugares de passividade. Simone Beauvoir afirma que as mulheres “não teriam passado, história ou religião própria” (BEAUVOIR *ipud* MESQUITA, 2012, p. 326). Ao redor do mundo,

foram silenciadas e confinadas ao espaço privado por uma historiografia que privilegiou o espaço público como motor da história social e política, excluindo-as na esfera doméstica, marginal e inexpressiva.

Foi a segunda onda feminista, na década de 1960, que começou a desconstruir essas dicotomias, inaugurando novas maneiras de enxergar a construção do mundo social e político. Representando as novas formas de pensar, a afirmação “o pessoal é político” tornou-se a grande frase de poder do feminismo. A quebra da relação entre espaço público e privado mudou a configuração e a organização da historiografia ao mesmo tempo em que iluminou o espaço feminino e permitiu às mulheres um novo fluxo pela história, reivindicando seu lugar na construção social, cultural política ocidental.

Como afirma Soihet (*apud* MESQUITA; ARAS, 2000), as militantes feministas fizeram a história das mulheres antes mesmo das historiadoras a escreverem, colocando na esfera pública a questão de gênero. Contudo, o rompimento com uma historiografia que desconsiderava as mulheres do espaço público não foi total. Muitos dos pressupostos continuavam o mesmos, afinal, uma lógica construída ao longo de séculos é dificilmente fragmentada em apenas uma década.

Até hoje, como afirma Ngozi Adichie (2014), “não é fácil conversar sobre a questão de gênero. As pessoas se sentem desconfortáveis, às vezes até irritadas [...] Porque a ideia de mudar o status quo é sempre penosa”. De acordo a ONU (2016), 81% dos homens concordam que existe muito machismo; 87%, acreditam que o machismo é ruim para homens e mulheres; mas apenas 3% se consideram bastante machistas e 23% se consideram nada machistas. Hoje, por toda a parte, vemos um grande desconforto em lidar com a questão de gênero. Mas seria porque o machismo ainda cresce e se fortalece ou por que o feminismo chegou a uma novo momento?

Hoje vivemos uma nova fase, uma nova onda. As novas tecnologias de comunicação redimensionaram os movimentos sociais, tanto em relação às formas de organização, quanto à acessibilidade. Para o feminismo, o mundo digital possibilitou a expansão e o acesso quase ilimitado ao seu discurso, empoderando ainda mais mulheres, permitindo um novo lugar de fala. Além disso, permitiu novas linguagens e concepções para esse discurso: “Hoje, utilizamos essas tecnologias, como a internet, não só para problematizar e colocar em pauta as questões sobre o ‘ser mulher’, como também para nos

organizarmos politicamente, através de textos, blogs e vídeos, assim como em forma de arte”.¹

Campanhas novas surgem todos os dias, o poder de mobilização aumenta, assim como a participação e o sentimento de comunidade, ou sororidade, como veremos adiante. As novas tecnologias permitiram a criação de um movimento forte, que, de acordo com Bates (*apud* COCHRANE, 2013), representa um feminismo moderno definido pelo pragmatismo, pela inclusão e pelo humor. “Eu sinto que é muito pé no chão, muito aberto, é muito sobre pessoas dizendo: ‘Aqui está algo que não faz sentido para mim, eu pensei que mulheres eram iguais, vou fazer algo sobre isso’”.²

Vivemos um momento de multiplicação dos campos feministas no qual a internet não atua apenas como ferramenta de organização: ela é uma extensão desses campos e atua, de acordo com a antropóloga Carla Castro Gomes, como uma “plataforma de conhecimento feminista” (2017)³.

Pessoas que não tinham contato nenhum ou quase nenhum com o feminismo passam a encontrar seu discurso no cotidiano na internet. Mulheres já envolvidas com o movimento, mas com postura passiva, ganham voz e espaço para se expressar. Pessoas já envolvidas com o feminismo passam ter contato com diferentes faces do movimento, em uma consciência que contempla suas diferentes lutas.

Além disso, se na terceira onda o feminismo começa a falar com mais ênfase das diferenças de classe e raça, na quarta onda a diversidade vive um salto exponencial. A internet abriu espaço para todas as discussões, dentro e fora das ondas feministas mais conhecidas. Feminismo negro, feminismo gay, sexualidade, *maisnplaining*, assédio, estupro, empoderamento, sororidade, machismo cotidiano, gênero, gordofobia e tantos outros territórios ganham espaço e são discutidos cada vez mais.

¹ Disponível em: <http://www.naomekahlo.com/single-post/2016/08/01/O-que-%C3%A9-o-Ciberfeminismo-Da-origem-por-Donna-Haraway-%C3%A0s-pr%C3%A1ticas-atuais> Acesso em: 30/10/2016

² Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/dec/10/fourth-wave-feminism-rebel-women> Acesso em 30/10/2016

³ em palestra à UFRJ. Abril 2017.

3. O FEMINISMO NO MUNDO ONLINE

Uma das grandes características da quarta onda feminista é a amplitude do seu espaço de atuação e repercussão. Mais do que universal, ela atua em micro revoluções, que hora influenciam apenas aqueles por perto, ora tomam proporções imprevisíveis e impressionantes. Muitas das campanhas que vimos nos últimos anos nasceram de uma só pessoa ou de um pequeno grupo em resposta a um problema que os tocava diretamente. É uma atitude nascida de um lugar de empoderamento, em que as mulheres entendem sua força dentro desta enorme comunidade e veem em si próprias o poder de fazer a diferença.

Posts em redes sociais, blogs, vídeos no *youtube* e tantas outras formas de conteúdo criam universos de atuação e identificação. A militância virtual atua nas mais diversas plataformas e parece crescer exponencialmente. Quanto mais mulheres falam sobre feminismo, mais mulheres ouvem, mais mulheres se inspiram, mais mulheres começam a se colocar e mais questões são postas em pauta.

3.1 Manifestações virtuais: o caso da campanha #primeiroassedio

Em 2015 e 2016 tivemos uma série de hashtags no Brasil que mobilizou em massa as mulheres nas mídias sociais. #primeiroassédio, criada pelo Think Olga, é um grande exemplo manifestação no universo digital.

Em outubro de 2015, a hashtag surgiu como resposta ao assédio sofrido por Valentina Schulz, menina de 12 anos participante do programa MasterChef Júnior. Depois de comentários como “se tiver consentimento é pedofilia?” e “a culpa da pedofilia é dessa mulecada (sic) gostosa” se espalharem pelo Twitter, o Think Olga mobilizou uma campanha nas redes sociais. #primeiroassédio tinha como objetivo mostrar que, para achar casos como esse, não era preciso ir longe.

Toda mulher, em sua infância, já foi vítima de assédio. Contudo, em uma idade tão prematura, é difícil entender as melhores formas de lidar com os casos. Culpa e vergonha são os sentimentos mais comuns e a consequência é a omissão dos casos. Muitas vezes meninas jovens sofrem assédios diversos e só conseguem falar sobre eles anos depois, já

adultas, guardando-os em um lugar de silêncio e medo, que acoberta os homens e culpabiliza as vítimas, como diz Juliana de Faria⁴.

A campanha, ao dar espaço para as mulheres se abrirem e dividirem suas experiências, permitiu que muitas mulheres, pela primeira vez, se dispissem de uma culpa que carregavam há anos.

É a partir daí que a mulher começa a se despir das mordaças: entende que o que aconteceu é errado, que o suporte que não recebeu ou teve medo de buscar na época são também frutos do machismo, bem como qualquer noção de que tivesse provocado ou permitido que o fato acontecesse. Descobrem-se, enfim, vítimas de assédio sexual, ainda na infância. E, finalmente, podem enxergar com clareza que existe um culpado, e que não é ela.

Tudo isso pode acontecer no momento em que ela descobre que não está sozinha. Por isso, criamos a hashtag [#primeiroassedio](#) no Twitter. Ali, eu, Juliana, dividi sobre meu primeiro assédio, aos 11 anos, e outros casos que ocorreram ainda na infância, pré-adolescência e adolescência. Convidamos nossas leitoras a fazer o mesmo. Não é uma missão simples, indolor, fácil. Mas se apoderar da própria história é importante, de forma que a vítima assim se reconhece como vítima. Não é vitimismo. É o empoderamento de enxergar que a opressão é, de fato, uma opressão e não “parte da vida”. Este é o primeiro e mais importante passo para a mudança.⁵

Em apenas quatro dias, a hashtag foi replicada mais de 82 mil vezes no Twitter, sem contabilizar sua repercussão no Facebook e outras mídias. Criou-se, no espaço virtual, não apenas uma campanha, mas uma rede ou comunidade de mulheres que empoderaram umas às outras e, através de suas vidas e individualidades, possibilitaram uma transformação muito maior.

3.2 Iniciativas feministas brasileiras com atuação online

O Think Olga é um dos muitos coletivos feministas com presença online. No Brasil, podemos encontrar muitos outros projetos que tem no mundo virtual plataformas essenciais para sua atuação. A seguir, alguns exemplos expressivos no Brasil:

⁴ Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>. Acesso em: 30/10/2016

⁵ Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/> Acesso em: 30/10/2016

- Think Olga: a OLGA tem como missão empoderar mulheres através da informação e retratar suas ações em lugares onde a voz dominante acredita existir nenhuma mulher. Criada em 2013 pela jornalista Juliana de Faria, ela luta para que as mulheres possam ter mais escolhas, tomando-as de maneira informada e consentida. Além de artigos, pesquisas e consultas legais, a Olga é responsável por projetos como Chega de Fiu Fiu e Jornalismo Humanizado.
- Coletivo Não me Kahlo: o Coletivo, criado por 5 mulheres, pretende agregar pessoas com interesse em aprofundar seus estudos sobre o feminismo, compartilhar ideias e histórias e promover ações que lutem pelos direitos das mulheres. Com página no Facebook, Twitter, Tumblr e Youtube, o coletivo soma mais de 1,2 milhões de seguidores. Além disso, o grupo mantém ativo um blog e já publicou um livro sobre a campanha #meumelhoramigo, iniciada pelo Não me Kahlo.
- Bonita Também: o projeto pretende quebrar com os padrões estéticos que oprimem tantas mulheres. A ideia é que mulheres doem suas histórias sobre beleza e estética e recebam, de outras pessoas, mensagens de amor e apoio. As histórias são enviadas por email, publicadas no Tumblr e compartilhadas no Facebook. A história de cada mulher pode ajudar as outras a enxergarem suas vidas longe dos padrões que as massacram no dia a dia.
- Blogueiras Negras: grupo de mulheres negras e afrodescendentes com histórias de vida e campos de interesse diversos. Ao usar a escrita como ferramenta de combate ao racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia, homofobia e gordofobia, as blogueiras se reúnem para contar suas histórias, exercício que lhes é continuamente negado em uma sociedade estruturalmente discriminatória e desigual. Além disso, pretendem ser uma comunidade, um espaço de acolhimento, empoderamento e visibilidade voltado para a mulher negra e afrodescendente.
- Capitolina: revista online independente para garotas e adolescentes, a Capitolina foi criada em meio a falta de representação desse público na mídia. Através de formas diversas de conteúdo - artigos, ensaios fotográficos, livros e quadrinhos produzidos pelas colaboradoras -, a revista discute relacionamentos, escola, games, gadgets, moda e culinária. A proposta é representar todas as jovens, em especial aquelas que se sentem excluídas pelos moldes tradicionais da adolescência.
- Guerreiras Project: o GUERREIRASPROJECT usa o futebol como ferramenta para revelar, analisar e combater preconceitos de gênero. Através da criação de espaços

para diálogos, o objetivo é desenvolver formas mais equitativas e sustentáveis de ser. Com oficinas, exposições, pesquisas, espetáculos, apresentações e presença online, o coletivo usa imagens, discursos e técnicas do futebol para discutir questões de gênero.

- Que nem Mocinha: site que fala sobre sexo através do feminismo e de uma visão mais crítica, sem perder a diversão. O objetivo é que mulheres conversem sobre pornografia, sexo, feminismo e corpo sem tabus.
- #meuaborto: até quem nunca abortou tem uma história de aborto para contar. A campanha #meuaborto dá voz a mulheres e homens que queiram compartilhar histórias de aborto, lembrando a todos de que a mulher que aborta não está distante, nem é invisível.
- Lugar de Mulher: cansadas de sites com dicas de como secar a barriga e como se vestir para agradar homem, com moda que não cabe na maioria das mulheres e com gente decidindo em que a mulher pode se interessar, três mulheres criam o site Lugar de Mulher. Um site para mulheres que se cansaram das velhas formas, dos velhos conceitos e das imposições de como uma mulher deve ser.
- Eu Empregada Doméstica: página no Facebook que reúne relatos de empregadas domésticas em situações de opressão e machismo.
- AzMina: a instituição visa usar a informação para combater a violência que atinge as brasileiras através de consultorias, palestras e debates. Foi ela também quem criou as campanhas #MamiloLivre e #CarnavalSemAssédio. Com uma publicação online e gratuita - a Revista AzMina - a instituição também promove jornalismo investigativo acessível e de qualidade.

4. EMPODERAMENTO

De acordo com o blog Cacheia, o empoderamento pode assumir dois caminhos. O primeiro é o da dimensão coletiva de luta e participação política por direitos. O segundo seria um empoderamento individual de ampliação da liberdade, fortalecimento da autoestima e combate de opressões - desde a liberdade de usar roupa curta, a sentir-se linda de cabelo crespo e a capacidade de reagir a assédios.⁶

Se hoje falamos muito sobre empoderamento, sua origem e suas vertentes são muitas vezes esquecidas, colocando em risco seu significado

4.1 O surgimento do empoderamento no movimento feminista

Foi na década de 1970, com o neoliberalismo, que a meritocracia ganhou força. Se enraizava na mente de muitos que o sujeito era o único responsável por seu próprio sucesso, independente das barreiras sócio culturais em seu caminho. Esse individualismo crescente transbordou para muitos territórios de pensamento, chegando inclusive ao movimento feminista:

O novo regime dependia - e ainda depende - fortemente do trabalho assalariado das mulheres. Sendo assim, absorveu as críticas culturais do feminismo em vez de confrontar as reivindicações antissistêmicas, dotando o trabalho assalariado feminino de um novo significado ético: para as mulheres de classe média, o trabalho significava oportunidade de romper com as barreiras que as impediam de chegar aos postos de maior poder; para as mulheres de classe mais baixa, significava a obtenção de dignidade e a libertação da autoridade tradicional (LARA; RANGEL; MOURA, p. 62, 2016).

Já na década de 1990, o individualismo neoliberalista começa a marcar obras de pensadoras feministas como Naomi Wolf e Natasha Walter, difundindo a ideia de que o empoderamento das mulheres era a resposta para a sua emancipação em oposição a um suposto lugar de vítima que teria se afirmado na segunda onda feminista (LARA; RANGEL; MOURA, 2016).

De acordo com essa lógica, o problema enfrentado pelas mulheres não era a opressão estrutural e o machismo, mas sim o medo feminino do poder. Apontar a opressão,

⁶ Disponível em: <http://cacheia.com/2016/01/empoderamento-geracao-tombamento-e-afins/> Acesso em 20/11/2016

como vinha sendo feito, servia apenas para aumentar a desigualdade, uma vez que impediria que as mulheres se empoderassem com a força que já existia dentro de si. Uma vez poderosas, as mulheres superariam os outros obstáculos, bem menos profundos. “Enxergando o feminismo como um caminho individual e não uma luta, Wolf defende uma feminilidade que encare o poder como algo sexy e um feminismo que se traduza no máximo empenho individual para a superação de barreiras” (LARA; RANGEL; MOURA, p.63, 2016).

Essa visão do empoderamento é extremamente condizente com a sociedade de consumo, para qual a mulher poderosa pode tudo. Esse discurso, contudo, serve para consolidar e justificar desigualdades estruturais. As mulheres, por exemplo, não devem lutar contra a dupla jornada, e sim fazê-la com excelência, como prova da sua capacidade. Da mesma forma, o discurso neoliberal usa exceções para criar falsas ideias de que qualquer mulher pode obter sucesso. Dilma, por exemplo, foi a única presidente mulher, mas a mídia, ao se apropriar da narrativa neoliberal, afirma que toda mulher pode chegar até lá, como se os obstáculos de desigualdade de gênero tivessem sido superados.

O empoderamento individual, quando na lógica neoliberal, é portanto um discurso de autoestima e consumo que omite a desigualdade estrutural e sistêmica e a mantém, prejudicando em especial as mulheres fora do perfil dominante.

4.2 O empoderamento hoje

Hoje ainda vivemos sob muitas lógicas meritocráticas e neoliberais. São muitas as vezes que ouvimos discursos que colocam unicamente na mulher a responsabilidade de se empoderar, como se precisássemos apenas da força dentro de nós.

Por outro lado, a partir da revolução digital e do *boom* do feminismo nas nos espaços online, o aumento da informação, a abertura de mais lugares de fala e criação de comunidades e redes mais fortes possibilitaram novas discussões de empoderamento.

Cuidado com os cabelos, escolha de roupas, novas formas de cuidado com o corpo e questionamento de padrões já estabelecidos, por exemplo, são algumas das formas de empoderamento que vemos proliferar hoje. Em cada vez mais espaços, a mulher toma para si o cuidado com sua vida e com suas escolhas, mas não o faz sem reflexão. Novas atitudes

empoderadas surgem de questionamentos em torno padrões patriarcais estabelecidos ou servem como porta de entrada para a participação nessas discussões.

Vemos, por exemplo, ganhar força o movimento de transição capilar, como forma de combater a ditadura dos lisos e loiros, de reconstruir autoestima e combater diversas faces do machismo e do racismo. Ao mesmo tempo, a expansão do movimento - em feiras, grupos nas redes sociais e outros espaços - levantou a discussão sobre o possível “esvaziamento de sentido da pauta ‘estética negra’ e da ausência de um conteúdo político e militante”⁷ a partir de uma percepção da estética negra como objeto de consumo.

O empoderamento individual sozinho pode, de fato, esvaziar-se de sentido. Uma resistência estética pode afirmar identidade e combater preconceitos de forma superficial, sem aprofundar-se nas causas estruturais. Porém, nem por isso deixa de ter o seu valor, visto que continua representando uma frente de luta. A solução mais rica parece ser a união do empoderamento individual e do empoderamento coletivo, que caminhando lado a lado podem afirmar-se em diferentes instâncias e profundidades da luta ao machismo e à sociedade patriarcal.

A revolução digital conseguiu criar muitos espaços de união entre essas formas de empoderamento. Grupos de Facebook que dão dicas de transição capilar ao mesmo tempo em que discutem o machismo e o racismo são um dos muitos exemplos dessa nova forma de militância. Nesse cenário, o próprio empoderamento individual serve de porta de entrada para discussões mais profundas: uma vez assumindo o empoderamento estético, é quase impossível não esbarrar com discussões estruturais. A internet cruza diariamente essas duas frentes, dirigindo-se a um caminho de desconstrução que engloba ambas, especialmente em função da criação de conexões, redes e comunidades entre as mulheres. Heloisa Buarque de Hollanda, em entrevista à autora, afirmou que a internet é, hoje, a principal ferramenta de empoderamento às jovens feministas.

⁷ Disponível em: <http://cacheia.com/2016/01/empoderamento-geracao-tombamento-e-afins/> Acesso em 20/11/2016

4.2 Empoderamento e sororidade

As mulheres foram ensinadas a odiar umas às outras. Ciúmes, inveja e culpa são sentimentos que ainda hoje perpassam as relações femininas. Em paralelo à expansão do feminismo na internet e da consequente formação de uma comunidade ou rede entre as mulheres, surgiu e se fortaleceu a sororidade. A “sororidade se refere a uma espécie de pacto entre mulheres relacionado às dimensões ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Ou, simplesmente, uma aliança baseada na empatia e no companheirismo”⁸.

A sororidade propõe o entendimento de que existe entre nós mulheres um sentimento de irmandade e solidariedade e que a igualdade de gênero começa também entre nós. Juntas, as mulheres podem empoderar umas às outras e lutar por seus direitos com mais força.

A expressão tem se disseminado com a expansão recente dos feminismos, inclusive entre as jovens mulheres, e com a consciência de que a sororidade é um caminho importante para enfraquecer a misoginia ainda dominante em nossa cultura que, inclusive, incita a rivalidade entre as mulheres” (THURLER, 2016).⁹

Na quarta onda do feminismo, a sororidade ganhou um papel central. O desenvolvimento do meio digital possibilitou novas formas de interação entre as mulheres. Conectar-se e criar grupos, redes e comunidades tornou-se muito mais fácil. E assim foi fortalecido esse laço de irmandade, seja através de discussões, desabafos, mensagens amigas, grupos de apoio ou conteúdos inspiradores de mulher para mulher.

O *Vamos Juntas?*¹⁰ é um forte exemplo disso. Em uma certa noite, a gaúcha Babi Souza fazia seu caminho usual de volta do trabalho, perigoso e escuro. Ao saltar do primeiro ônibus, ela precisava atravessar uma praça deserta que representava uma grande ameaça. Quando as portas de abriram, as mulheres no ônibus agarraram-se aos seus pertences e saíram correndo, cada uma por si. Ao chegar do outro lado da praça, Babi percebeu que muitas das mulheres ali estavam com ela no ônibus e haviam passado pela mesma situação.

⁸ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230> Acesso em 15/11/2016

⁹ IDEM

¹⁰ <https://www.facebook.com/movimentovamosjuntas/?fref=ts>

Uma ideia foi semeada na sua cabeça: convidar as mulheres para atravessarem a praça juntas da próxima vez. Mas foi na internet que essa ideia ganhou força. Babi escreveu um post sobre o assunto e rapidamente ganhou uma repercussão inesperada. Entusiasmada, ela assumiu a ideia como movimento e criou uma página no Facebook. Em duas semanas, já tinha 100 mil curtidas. A página recebia diariamente milhares de depoimentos, comentários e desabafos, mostrando para as mulheres que, cuidando umas das outras, poderíamos escapar de experiências violentas e inspirar outras a fazerem o mesmo.

Fundada com base na sororidade e difundindo-a como mensagem chave, a página tem hoje mais de 400 mil curtidas e o movimento já virou, inclusive, livro. Mas foi nas redes sociais que cresceu, ganhou força e se tornou uma grande fonte de inspiração.

E é justamente no encontro com outras mulheres e na prática da sororidade que o empoderamento ganha força hoje: as mulheres empoderam umas às outras.

4.3 Sororidade: um novo momento do feminismo?

Heloisa Buarque de Hollanda, em entrevista à autora, reafirma a diversidade de lutas feministas. Divididas em diferentes campos sociais, as mulheres estão também em diferentes pontos da sua luta, apesar de tudo o que há de comum. Mulheres negras, por exemplo, lutam por ter seus corpos menos expostos e sexualizados, enquanto que mulheres brancas lideram o movimento do *free the nipple*. Vide o carnaval, quando houve duas vitórias: uma globeleza coberta e milhares de meninas saindo de peitos descobertos nos blocos. Hoje, o político é pessoal, enchendo o espaço público de pessoas. Cada grupo é um grupo, cada um é um.

Essas diferenças não devem nunca ser desconsideradas. São, pelo contrário, de extrema importância para a luta e legitimidade de todas as mulheres. Porém, mesmo entre grupos que ainda se distanciam de outros a procura de legitimidade, vemos uma nova crescente: a percepção de que a maior força da luta feminista reside na união das mulheres por um sentimento de parceria e comunidade. Essa percepção reverbera em especial entre grupos mais privilegiados ou feministas mais antigas - como observa Heloisa -, mas parece contagiar a todos os grupos, seja internamente ou em relação a outras categorias à medida em que suas vitórias avançam e algumas diferenças são deixadas para segundo plano.

Carmen Luz, diretora artística da Cia Étnica de Dança, cineasta, diretora de teatro e pesquisadora em dança, em entrevista à autora, afirma que para ela não interessam mais as diferenças: “o que nos diferencia a gente já sabe muito bem. Agora eu quero saber o que nos une”. Nas entrevistas deste projeto, foi unânime a percepção de o que mais empodera mulheres são outras mulheres, e que a empatia, a compreensão e a parceria - essenciais para o lugar da mulher no mundo e para sua luta - encontram-se em espaços femininos, descritos como seguros e acolhedores.

Manuela Porto afirma que “o futuro é de mulheres”, ressaltando a força que a união delas enquanto “tribo” ou “comunidade” traz. Rita Martins resalta como é acolhedor ter mulheres por perto, criando espaços de segurança, enquanto que Gisela Duarte resalta o quanto faz diferença, por exemplo, ter pelo menos uma mulher em uma reunião ou em sala de aula, em oposição à presença unânime de homens, muito intimidadora. Gisela reafirma ainda a nova prática de consumir mais livros, filmes e músicas de mulheres, uma atitude, segundo ela, muito empoderadora. Isadora Assis, estagiária da L'Òreal Cosméticos, afirma o quão empoderador é ter chefes mulheres, “dá uma esperança, sabe?”, diz a aluna de publicidade e propaganda da UFRJ.

Luciana Bicalho, bailarina contemporânea, lembra de um espetáculo de dança do grupo Atores Bailarinos da década de 1980 que foi dançado apenas por mulheres. “Nós formamos quase uma ciranda (...) nós mulheres nos costurávamos, dando força umas às outras”. Giulia Del Penho, iluminadora formada em Direção Teatral pela UFRJ, resalta o quão diferente é desabafar para um homem e para uma mulher. Segundo ela, a reação imediata dos homens é dizer o que teria feito de diferente, enquanto que as mulheres apenas acolhem, sem resposta ou solução, mas com um sentimento verdadeiro de empatia e compreensão.

Marielle Franco, vereadora do PSOL, partilha da mesma visão e vê dentro e fora do seu mandato o reflexo desse momento. “Eu acho que hoje os conceitos de sororidade, de solidariedade, de dororidade, essas vivências cotidianas, a gente encontra”. Ela faz questão de ter em sua equipe diversas mulheres vindas de realidades diferentes de forma a enriquecer os projetos e propostas e atender ao maior número de necessidades possível.

É trazer o tempo todo a essência, na minha perspectiva. Não poderia ser um mandato feminista, um mandato favelado, uma mandato de negra, sem que essas vivências estivessem aqui. É mais do que categoria, percebe? É a vida na prática. Então essas mulheres tem que estar aqui

presente (...) E tem sido um aprendizado lidar com o que cada uma de nós traz.

Thayanne Porto, que hoje tem um blog para mulheres sobre sexo, corpo, autonomia e sexualidade, o *Que Nem Mocinha*, afirma que essa é a melhor parte do feminismo. Segundo ela, saber que você não está sozinha é extremamente reconfortante, não apenas na luta, mas também nos dias de silêncio e desânimo. “Eu acho que é uma força que se auto alimenta: a gente vê outras mulheres lutando, isso dá vontade de lutar e a gente luta, aí outras mulheres veem a gente lutado e isso dá força pra elas lutarem. Eu acho que é a melhor parte do feminismo, se juntar com mulheres e a gente se fazer cada dia mais forte”.

Isabela Reis, estudante de jornalismo da UFRJ, partilha dessa visão. Ela também acredita na força da união das mulheres, mas ressalta que o olhar para a sororidade é muitas vezes ingênuo. Se as pautas das mulheres negras são muito diferentes das do feminismo branco, e as negras não veem agora essa união, esse posicionamento é legítimo e extremamente positivo. Quando se fala, por exemplo, de uma mulher negra da periferia, suas lutas diárias são muito mais graves. Como pertencente a diversos grupos altamente desprivilegiados e oprimidos, essa mulher luta por direitos mais básicos e urgentes, e não tem na união de todos os grupos feministas a resposta para seus problemas atuais. No final de sua entrevista, Isabela destaca “não vai melhorar, e por isso mesmo nós devemos no unir, eu acho que é isso que vai dar a liga”.

5. O PROJETO PRÁTICO

O “Me Empodera te Empoderar” nasceu visando torna-se um vídeo sobre empoderamento feminino, que, apesar de falar das dificuldades de ser mulher, teria uma visão positiva e estimulante que confortasse e desse força a cada mulher. Colocar-se no mundo é, para as mulheres, extremamente cansativo. Abusos, assédios e outras formas de opressão estão presentes no dia a dia, em todos os lugares pelos quais as mulheres percorrem. Machucadas, elas muitas vezes deparam-se com sentimentos como frustração e cansaço, podendo até mesmo adoecer, como acontece em casos de depressão. O vídeo produzido para este projeto procura, portanto, cuidar das mulheres, e dar alguma forma de força em momentos de dor. Ele busca, desta forma, empoderá-las.

No início do projeto, ainda não havia sido definido qual foco seria dado ao tema. O objetivo era que as entrevistas servissem também como processo investigativo de o que era mais pulsante dentro desse universo. Dessa forma, foi criado um roteiro base para as entrevistas, com perguntas macro e possibilidades de caminhos a serem seguidos.

Já nas primeiras seis entrevistas, ao serem questionadas sobre o que mais as empoderava enquanto mulheres, todas as participantes responderam que era a presença de outras mulheres, o que hoje conhecemos como sororidade. Questionadas mais sobre o tema, as 21 entrevistadas concordaram que a presença de outras mulheres dá força a luta, conforta, cria um espaço seguro. Assim, ele tornou-se um projeto de união e empatia.

Na primeira metade do vídeo, fala-se das dificuldades, inseguranças e dores de ser mulher e de lutar pela equidade, visando não apenas conscientizar, mas principalmente criar um senso de pertencimento ao mostrar que as mulheres passam pelas mesmas barreiras diariamente. Dessa forma, as espectadoras podem se colocar no lugar umas das outras e ver que muitas estão também no seu lugar, em um exercício quase que automático de empatia e conforto.

À medida que a narrativa se desenvolve, o vídeo fala da união das mulheres, da energia que elas encontram umas nas outras, a fim de costurar e fortalecer aquele sentimento de pertencimento. Aqui, para as espectadoras, ele pode reforçar algo que elas já acreditam, como pode também dar a elas uma nova fonte de força, que ainda não havia sido enxergada dessa forma. Aquelas que se sentem sozinhas podem então entender que fazem parte de algo muito maior.

A última sessão do vídeo, com mensagens de empoderamento, parte da percepção que mulheres sofrem agressões diárias e chegam ao final do dia cheias de novos machucados. Lidar com isso, de acordo com todas as entrevistadas, é extremamente difícil. Não há solução milagrosa. Conversar com amigas, chorar sozinha, escrever sobre: tudo ajuda a aliviar, mas é duro curar tantas feridas. Essa é, portanto, uma sessão do vídeo que mostra na prática como mulheres ajudam umas às outras, e que pode e deve ser enxergada como uma mensagem direta a todas as espectadoras. Ouvir “você é foda” e tantos outros depoimentos é uma forma de fortalecimento, de aumento da autoestima, de acalento.

Para o projeto, foram feitas ao todo 12 entrevistas, com 21 entrevistadas. A escolha em convidar mulheres reconhecidas pela sua atuação feminista e mulheres com menos popularidade no tema foi, desde o começo, uma forma de dizer que toda mulher é excepcional, que toda mulher pode empoderar outra mulher. Não é necessário uma especialista para discutir o tema, pois basta ser mulher para ter uma vivência de luta.

O documentário foi divulgado online no dia 26 de junho de 2017, com uma página no *Facebook*, um texto no *Medium* e o vídeo no *Youtube*. Em menos de 48h, a página recebeu mais de 150 curtidas, o vídeo foi compartilhado no *Facebook* em torno de 80 vezes e o vídeo no *Youtube* recebeu 11 likes. Em termos de alcance, em menos de 48h o vídeo alcançou quase 27 mil pessoas no *Facebook* e teve 6,5 mil visualizações. Estima-se que 300 dessas visualizações tenham sido do vídeo inteiro. No *Youtube*, foram 101 avaliações nesse mesmo período de tempo.

As reações ao vídeo, principalmente por parte das mulheres, alcançaram exatamente o que se pretendia. Muitas comentaram e compartilharam opiniões de amor, relatando que se emocionaram e sentiram-se empoderadas, reforçaram a união das mulheres e mostraram muito orgulho e conexão com o conteúdo. Depois que a página pública da vereadora Marielle Franco divulgou o vídeo, ele recebeu alguns comentários de ódio, como muitas vezes acontece online, mas a maioria seguiu demonstrando grande carinho e apreço.

Os links de acesso são:

Facebook: <https://www.facebook.com/meempoderateempoderar/>

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=k3Mql6mwrDU>

Medium: <https://medium.com/@anabictoledo/me-empodera-te-empoderar-d59960103226>

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com mais de um século de atuação, o feminismo ainda é um movimento extremamente complexo. Sua diversidade de pautas, por si só, já gera uma quantidade imensurável de discursos a serem analisados. A internet intensifica ainda mais essa dimensão e complexidade e, ao ser apropriada pelo movimento, dá a ele uma força e amplitude ainda não conhecidas.

Os machismos diários sofridos por toda mulher geram ferida e inseguranças difíceis de serem superadas. Mesmo lidando com essa realidade todos os dias, as mulheres não têm uma receita de como tratar essas experiências dentro de si. Hoje, vemos já com mais clareza os problemas decorrentes desse lugar de opressão. Relacionamentos abusivos, casos de depressão, isolamento, crises de ansiedade dentre outros têm muitas vezes sua origem na incapacidade de curar-se de uma realidade que as cerca a todo instante.

Enquanto que uma abordagem didática para trazer essas questões aos homens ou leituras teóricas sobre a história do movimento são de extrema importância, este projeto nasceu de outra necessidade: cuidar das mulheres. Seu objetivo é alastrar-se - via internet - para trazer conforto, segurança, esperança e carinho às mulheres, e mostrar a elas que não estão sozinhas. Que há, a sua volta, diversas outras mulheres calçando os mesmos sapatos, vítimas das mesmas opressões.

Se é muitas vezes tão frustrante e cansativo lutar pela equidade, dá força saber que por trás dessa luta existe uma comunidade imensa de mulheres, que, mesmo cheias de diferenças e individualidades, estão prontas para abrir os braços para aquelas que precisarem de acalento. Que depois de toda opressão, há alguém para entendê-las, acolhê-las e, dessa forma, empoderá-las para que a luta continue.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro e artigos

ONU, 2016. *Precisamos falar com homens?* Uma jornada pela igualdade de gênero. Novembro 2016. Acesso em: <http://www.onumulheres.org.br/destaques/precisamosfalarcomoshomens/>

MESQUITA, Eliainne Cristina; ARAS, Lina Maria Brandão de. *A desconstrução do público/privado e a construção do “pessoal é político” a teoria feminista*. Disponível em: www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/download/60/20

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949. Volume 1.

ADICHIE, Ngozi. *Sejamos todos feministas*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LARA, Bruna de; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela. *Meu Amigo Secreto: feminismo além das redes*. 1ª edição. Rio de Janeiro, Edições de Janeiro. 2016.

Reportagens

COCHRANE, Kira. *The fourth wave of feminism: meet the rebel women*. The Guardian, 10 dec 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/dec/10/fourth-wave-feminism-rebel-women>

Hashtag Transformação: 82 mil tweets sobre o #PrimeiroAssedio. Think Olga, 26 out 2015. Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>

MALAQUIAS, Thasya. *O que é o Ciberfeminismo?* Da origem por Donna Haraway às práticas atuais. Não me Kahlo, 1 ago 2016. Disponível em: <http://www.naomekahlo.com/single-post/2016/08/01/O-que-%C3%A9-o-Ciberfeminismo-Da-origem-por-Donna-Haraway-%C3%A0s-pr%C3%A1ticas-atuais>

TINOCO, Dandara. *Sororidade, substantivo feminino*. O Globo, 26 abr 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230>

SOUSA, Maressa de. *Sobre empoderamento, geração tombamento e afins*. Cacheia, 15 jan 2016. Disponível em: <http://cacheia.com/2016/01/empoderamento-geracao-tombamento-e-afins/>

Entrevistas

BUARQUE, Heloísa de Hollanda. 30 de abril. Entrevista concedida à autora.
LUZ, Carmen. 14 de abril. Entrevista concedida à autora.
BICALHO, Luciana. 10 de abril. Entrevista concedida à autora.
DUARTE, Gisela; ASSIS, Isadora de; MARTINS, Rita. 22 de abril. Entrevista concedida à autora.
MARTINS, Marina. 25 de abril. Entrevista concedida à autora.
PORTO, Manuela; LAVIGNE, Isabelle; CASTILHO, Mariana; SALES, Amanda; BIELINSK, Helena; BRITO, Luisa; ROCHA, Luiza; MARZOCCHI, Anna Luisa. 29 de abril. Entrevista concedida à autora. 29 de abril. Entrevista concedida à autora.
DAU, Isis; DEL-PENHO, Giulia. 03 de ao. Entrevista concedida à autora.
SALOMÃO, Bia. 05 de maio. Entrevista concedida à autora.
REIS, Isabela. 15 de maio. Entrevista concedida à autora.
PORTO, Thayane. 13 de maio. Entrevista concedida à autora.
FRANCO, Marielle. 31 de maio. Entrevista concedida à autora.